

DESIGN, UM EXERCÍCIO DE EDUCAÇÃO

Rodolfo Capeto

Esdi, Escola Superior de Desenho Industrial

O design – *diseño* – já passou um terço da segunda década do século 21, se vê diante de um campo incerto, em que oportunidades e possíveis ameaças muitas vezes se confundem. Saudado como uma das profissões fundamentais de nossa época – e do futuro à vista –, anunciado como espaço privilegiado de diferenciação e produção de valor para empresas, entidades e nações, ainda assim seu praticante, o designer, tem percebido, ao longo das últimas décadas, seu prestígio individual diminuído em benefício de outros atores, mais próximos a contas e atividades que movimentam recursos mais vultosos.

Em todo caso, ao longo das transformações socioeconômicas que afetam a profissão, o design, em sua melhor forma, tem mantido alguns compromissos que historicamente marcaram a atividade desde sua inepção. Pode-se caracterizá-los pelo viés da presença do design na esfera pública, como agente de mudança positiva, herdeiro da atitude otimista que marcou o movimento moderno em sua visão de uma alcançável melhora da sociedade.

Esse otimismo construtivo – e “construtivo” sempre será, pois o design pertence, ainda, ao campo do fazer – não poderá, no entanto, nas condições presentes, abrir mão de uma perspectiva intensamente crítica, não só sobre o universo externo no qual atua, mas sobre suas próprias práticas (em suas variadas vertentes, como o design de comunicação, o de produtos, o de serviços etc.) e as produções teóricas que as cercam. A marcha tecnológica e o fascínio que ela exerce têm levado muitos às confortáveis acomodações de um positivismo um tanto ingênuo (como alguns dos discursos que acompanham a recente subárea do design de interação).

O ambiente do ensino deverá ser sempre o espaço da valorização dessa visão crítica, e é papel fundamental das escolas de design, universidades e centros de pesquisa na área desenvolvê-la na formação que propõem. Um entendimento dos movimentos que formam e conformam o campo do design, tanto em sua relação com outras atividades como em seus reposicionamentos internos, habilitará o egresso a atuar de modo mais consciente no universo público e profissional.

A crítica à própria prática é um dos aspectos significativos dessa atitude. Quando em muitas sociedades pode-se perceber, em ocasiões, um certo *overdesign*, um excesso quase sufocante de uma cultura obviamente desenhada, alguns tem buscado formular um design que de algum modo pareça contradizer sua própria existência.

Ora, é claro que não é exatamente esse o caso no âmbito ibero-americano e, especialmente, latino-americano. Nossas sociedades, de modo geral, carecem de projeto, nas muitas acepções dessa palavra, enquanto, ao mesmo tempo, a profusão de *gadgets* e o ruído incessante dos processos e veículos de comunicação têm presença social maciça. As oportunidades e ameaças com que, neste momento da história, o design se defronta, são talvez mais vívidas e prementes no ambiente latino-americano. O designer deverá buscar o papel que é o seu: papel fundamental

na construção de melhores modos de sociabilidade; na ênfase em processos mais adequados, éticos e sustentáveis; na integração dos conhecimentos e formas da tradição local à linguagem funcional do design como cultura global; na defesa da qualidade – defesa, que é em si mesma um exercício de educação.

Nossas instituições de ensino do design têm nesse contexto, *et pour cause*, uma importância crucial. Elas próprias, nesse novo ambiente sofrerão profundas transformações. Novos modos de levar adiante uma carreira em design já se apresentam, talvez menos dependentes de empregos, que se tornam mais raros, mas buscando flexibilidade de atuação num universo conectado. As instituições de ensino poderão tornar-se, mais claramente, espaços de troca e desenvolvimento de conhecimento e práticas, buscando relações diferentes do milenar conceito mestre/aprendizes, mas articulando as diversas experiências desses vários atores. Apenas um entre muitos espaços de aprendizado, a escola, em diálogo real com outras áreas de conhecimento, será nó conector e avaliador de um espaço formativo amplo, ocorrendo em diferentes locais e situações, e ao longo do tempo.

Neste novo processo educativo a tarefa necessária é abrir todas as portas a esses modelos novos de formação ao mesmo tempo em que se preserva o legado de toda a história de nossa atividade, seus padrões éticos, seus princípios de qualidade, seu desejo permanente por tornar o mundo melhor.